

DA CARTA DO REDATOR AO EDITORIAL: O PERCURSO DE UMA TRADIÇÃO DISCURSIVA

Aurea S. Zavam
(Universidade Federal do Ceará-Brasil)

*Sí cada día cae,
dentro de cada noche,
hay un pozo
donde la claridad está prisionera.*

*Hay que sentarse en el borde
del pozo de la sombra
y pescar la luz caída
con paciencia.*
(Pablo Neruda. **Últimos poemas**)

1 Introdução

Desde que a Linguística tomou como objeto de investigação o texto em sua totalidade, o estudo sobre gêneros textuais vem se tornando o foco de atenção de muitos pesquisadores, independentemente de filiações a correntes determinadas. No entanto, a maior parte dessas pesquisas voltadas para a compreensão de aspectos textuais e/ou discursivos dos gêneros situa-se acentuadamente numa perspectiva sincrônica. Por outro lado, as pesquisas que investigam gêneros e se desenvolvem sob uma perspectiva diacrônica priorizam a análise de fenômenos lingüísticos ligados à mudança gramatical, posto que têm como objetivo maior registrar transformações em função da reconstituição da história da língua em estudo, não necessariamente da história dos gêneros nessa língua. Faltam, pois, pesquisas que se proponham a investigar a trajetória de um gênero, do seu surgimento a sua completa institucionalização.

O interesse por estudar o surgimento de um gênero, bem como seu processo de transformação a partir de momentos determinados da história, tem atraído alguns pesquisadores. O primeiro estudo nessa vertente de que temos notícia é o de Bazerman (1988), que investigou a evolução do artigo científico¹. Outro é o de Yates e Orlikowski (1992) que investigaram o surgimento de um gênero da esfera administrativa, do final do século XIX ao início do século XX. As lingüistas mostraram que o aparecimento dos memorandos, e conseqüentemente sua evolução, está relacionado diretamente com mudanças institucionais e sociais, e destacaram a influência de novas tecnologias, como o correio eletrônico, por exemplo, na reelaboração desse gênero nos nossos dias. Os estudos tanto de Bazerman, quanto de Yates e Orlikowski apontam para a importância do contexto histórico no surgimento e desenvolvimento dos gêneros.

Pode-se citar ainda, nessa mesma perspectiva diacrônica, Johannes Kabatek, romanista alemão que investiga a mudança lingüística associada à história dos textos. No âmbito da Filologia Românica alemã, texto é compreendido como uma tradição discursiva (TD)², que

¹ Convém lembrar que esse tipo de análise (evolucionária) pode ser encontrado a partir do desenvolvimento de uma lingüística do texto (Textlinguistik) no âmbito alemão desde finais dos anos sessenta.

² O termo tradição discursiva (*Diskurstradition*) foi proposto por Peter Koch, em 1997, “para dar uma expressão conceitual à fundamentação teórica dos gêneros textuais”. Posteriormente esse conceito foi adotado por Wulf Oesterreicher e Johannes Kabatek, entre outros romanistas alemães (cf. ASCHENBERG, 2002).

pode ser tanto uma “determinada denominação textual ou uma determinada fórmula em um texto” (KABATEK, on-line). Assim, ainda segundo Kabatek, tanto o conto de fadas (denominação textual, ou gênero textual) quanto *Era uma vez* (determinada fórmula de introdução) são tradições discursivas. Tradições discursivas são, pois, “tradiciones textuales contenidas en el acervo de la memoria cultural de su comunidad, maneras tradicionales de decir o de escribir” (2003, p.3)³, que estabelecem, no curso de sua história uma relação de tradição com outros textos. A visão alemã considera, como se vê, o papel do contexto histórico no estabelecimento e desenvolvimento das tradições discursivas.

Focalizando uma tradição discursiva específica dentro da esfera jornalística – o editorial –, constatamos que os estudos têm-se voltado, notadamente dentro de uma abordagem sincrônica, para a descrição de fatores ligados a sua estruturação textual-discursiva. Tais pesquisas, ainda que não exaustivas, analisam a constituição dessa TD e suas formas de organização, sem, contudo, voltar o olhar investigativo para a trajetória que essa TD traçou no percurso de sua história dentro da língua em que se realiza, deixando, assim, de considerar as motivações e condições de seu surgimento, bem como as transformações pelas quais passou⁴.

Na contramão dessa tendência, Gomes (2007) estudou o editorial do ponto de vista diacrônico. Baseada em um *corpus* composto por cem textos de jornais pernambucanos do século XIX aos nossos dias, a pesquisadora reconstituiu a constelação de textos na qual o editorial está inserido e descreveu traços de permanência e de mudança de elementos lingüísticos e não lingüísticos, vindo a reconstruir a história dessa TD. Gomes conduziu a abordagem sócio-histórica e lingüística de seus textos ancorada fundamentalmente na proposta alemã para o estudo das tradições discursivas.

A pesquisa que ora apresentamos se distingue da empreendida por Gomes (2007), ainda que partamos de um núcleo comum – a Filologia Românica alemã –, em dois pontos principais: primeiro, por tomar como objeto de análise editoriais de jornais do Ceará; segundo, por incluir outras categorias, teóricas e analíticas, não contempladas no trabalho sobre o editorial de Pernambuco. Ressaltamos, ainda, que nossa intenção, além de estudar o percurso histórico do editorial de jornal, como fez Gomes, é propor um caminho teórico-metodológico para a análise diacrônica das tradições discursivas, sempre que se partir da premissa que defendemos, segundo a qual uma TD poderá ser mais bem descrita, e conseqüentemente mais bem compreendida, se se considerar sua trajetória de estabelecimento e desenvolvimento.

Estamos, dessa forma, interessadas em buscar, primeiramente, resposta para nosso questionamento central: Que categorias, teóricas e analíticas, devem ser consideradas em uma análise diacrônica das TD? Em seguida, para outros questionamentos específicos, tais como: Como se configurou, no Ceará, a carta do redator⁵/editorial ao longo de dois séculos?; Como se caracteriza em termos formais, lingüísticos e discursivos a carta do redator/editorial?; Que características – formais, lingüísticas, discursivas – o editorial de nossos dias guarda em relação à carta do redator?

Para responder a essas questões, constituímos um *corpus* composto de cartas de redatores/editoriais de jornais cearenses dos séculos XIX e XX, relacionando esses textos com

³ O termo tradição discursiva (*Diskurstradition*) foi proposto por Peter Koch, em 1997, “para dar uma expressão conceitual à fundamentação teórica dos gêneros textuais”. Posteriormente esse conceito foi adotado por Wulf Oesterreicher e Johannes Kabatek, entre outros romanistas alemães (cf. ASCHENBERG, 2002).

⁴ Cf. Guimarães, 1992; Nascimento, 1999; Rebelo, 1999; Sousa, 2004.

⁵ Adotamos o termo “carta do redator” para nos referirmos, de um modo geral, aos textos que revelavam a opinião do jornal, ainda que reconheçamos a variação terminológica que caracteriza a designação desse gênero do discurso, sobretudo no século XIX, quando podia ser identificado, por exemplo, como artigo de fundo, artigo editorial, ou introdução (cf. GOMES, 2007).

o editorial do nosso século, também de jornais cearenses, por acreditarmos tratar-se de transformações de uma mesma tradição discursiva. Nessa perspectiva, buscamos descrever e analisar cartas de redatores/ editoriais, não só no que diz respeito às práticas sociais de escrita da imprensa jornalística de hoje, mas antes de tudo procurando resgatar as primeiras manifestações de uma TD, no Brasil, para melhor compreender as implicações sociais, históricas e lingüísticas da constituição dessa TD na história das práticas discursivas de nossa sociedade.

Nossa proposta estabelece também um diálogo metodológico com as pesquisas de Kabatek (2001; 2003; 2004), relativamente aos três planos de análise que propõe: o que concerne à língua (entendida como o idioma em que determinada tradição discursiva se realiza); o que concerne à forma textual (entendida como a configuração estrutural do texto); e o que se refere ao conteúdo (entendido como o assunto tratado).

Segundo Kabatek (2004), a história de uma língua não se reconstrói sem que, necessariamente, se reconstrua a história das tradições discursivas nessa língua. Intentando, pois, reconstruir o percurso histórico do editorial e, conseqüentemente, da língua em que essa TD era(é) atualizada, planejamos o caminho metodológico que passamos a descrever.

Acreditamos que esse caminho de análise diacrônica, da maneira como o concebemos, possa ser aplicado a outras tradições discursivas, não somente as do domínio jornalístico, e o ilustramos com um exercício de análise de um editorial que pertence ao *corpus* da pesquisa em andamento⁶.

2 Proposta teórico-metodológica para a análise de tradições discursivas

Para investigar a história de uma tradição discursiva, concebemos uma análise em duas dimensões: a do contexto e a do texto. A primeira (ancorada em pesquisadores que, em seus estudos, reconhecem e consideram também fatores não estritamente lingüísticos como constitutivos do todo e de qualquer enunciado) responde pelos aspectos sociais e históricos; e a segunda (centrada mais exclusivamente na materialidade verbal e ancorada em estudos de Kabatek), pelos aspectos lingüísticos e discursivos.

Na dimensão do contexto, definimos aspectos ligados ao próprio contexto em que a TD esteve(está) envolvida, ao propósito e aos (co)enunciadores; na dimensão do texto, elegemos aspectos de natureza lingüística e discursiva, ligados à forma (diagramação e *locus* do texto), ao conteúdo (tópico discursivo), à língua (mecanismos lingüísticos e/ou estratégias discursivas), buscando, desse modo, apreender traços que recuperam a ascendência e/ou a descendência dessa tradição discursiva, tomada aqui em seu todo enunciativo.

2.1 A dimensão do contexto

Considerando que “[a língua] não pode ser isolada dos ‘fatores externos’ – isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes” (COSERIU, 1979, p. 19), primeiramente, deve-se levar em conta o contexto sócio-histórico em que tais textos se inserem, focalizando, no caso do objeto de nossa análise – a carta do redator de jornais cearenses –, prioritariamente a história político-social do Ceará e a história da imprensa cearense, por acreditarmos que os acontecimentos históricos se refletem tanto na língua quanto nas características textuais, sejam qual for o gênero em questão.

⁶ A pesquisa está vinculada ao grupo de pesquisa TRADICE – Tradições discursivas do Ceará – e ao PHPB – Projeto para a História do Português Brasileiro, cuja metodologia foi adotada especialmente para a transcrição digital dos textos jornalísticos do século XIX (v. exemplo no item 3 deste artigo).

Em seguida, a partir da concepção de língua como fenômeno de interação social (BAKHTIN, 2000), e de texto como o lugar dessa interação, no qual os interlocutores se constroem e são constituídos (KOCH, 2003), é preciso identificar o perfil dos prováveis redatores, uma vez que a carta do redator/editorial, em sua maioria, não traz autoria declarada, e dos leitores presumíveis dos textos selecionados, notadamente os do século XIX e início do século XX.

Acreditamos, com Maingueneau (1997, p. 39), que o “*estatuto de sujeitos enunciadoreis e de seus presumíveis destinatários é inseparável dos gêneros de discursos utilizados*” (grifos do autor) e que a relação entre os interlocutores deve ser considerada, pois, “quando se subestima a relação do locutor com o *outro* e com os enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero nem o estilo de um discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 324, grifo do autor).

Por outro lado, os sujeitos enunciadoreis, quando se dirigem aos seus destinatários, são movidos por alguma intenção, por algum propósito. Esse intuito discursivo, esse “querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*” (BAKHTIN, 2000, p. 301, grifo do autor), que, em contrapartida, atenda ao seu propósito. Por isso é importante também a identificação do(s) propósito(s) comunicativo(s) dos exemplares do gênero.

A inclusão do propósito comunicativo, tal como concebido por Swales (1990) continua sendo, para quem busca compreender melhor as ações sociais corporificadas por meio verbal, um critério privilegiado, um conceito viável e valioso⁷. Contexto e propósito comunicativo guardam uma estreita relação de imbricação, como argumenta Askehave (1998 apud ASKEHAVE; SWALES, 2001, p. 204): “se desejamos descobrir e identificar o propósito de um texto, não podemos evitar a investigação do contexto [cultural e situacional] em que o texto é utilizado”. Além disso, como salienta Swales (1990, p. 58), os “propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva e dessa forma constituem o fundamento lógico do gênero. Esse fundamento modela a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo”.

O gráfico a seguir representa esta primeira dimensão da análise.

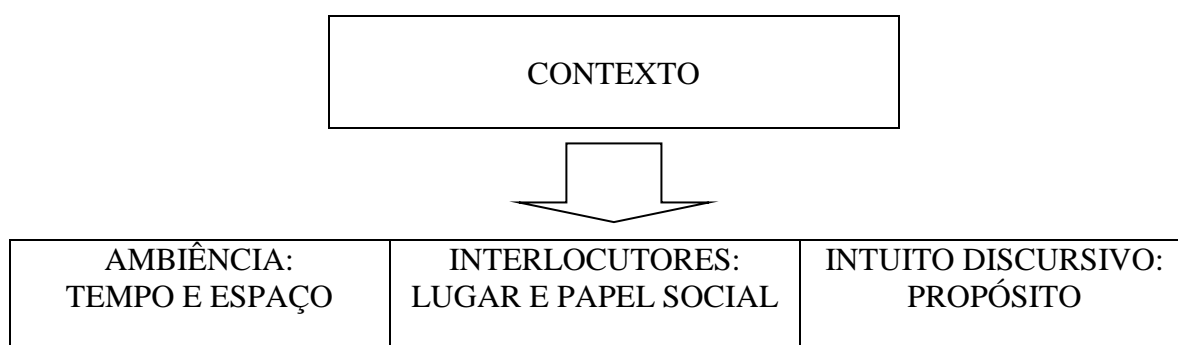


Gráfico 1: Contexto – a primeira dimensão da análise

Com essas três instâncias dentro da primeira dimensão – a ambiência, isto é, o tempo e o espaço em que circula(va)m os editoriais, os enunciadoreis envolvidos e o intuito discursivo, é possível identificar quem eram os redatores e seus interlocutores, em que condições interagem e o que pretendiam.

⁷ Cf. Biasi-Rodrigues, 2007.

2.2 A dimensão do texto

Nesta segunda dimensão da análise, são levados em conta os aspectos lingüísticos e textual-discursivos, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, de acordo com as três instâncias propostas por Kabatek (2003) – língua, forma e conteúdo. Vale ressaltar que, segundo o autor, a distribuição da análise nessas instâncias é puramente metodológica, pois, ao assumirem materialidade lingüística, elas se entrelaçam de forma a uma constituir-se na (pela) outra.

No primeiro plano dessa dimensão analítica, o conteúdo, entendido como “o assunto acerca do qual se está falando ou escrevendo” (BROWN e YULE, 1983, p.73), depende de um processo de colaboração que mobiliza os participantes do evento comunicativo, ou como o tópico central do discurso (JUBRAN et al., 1992), identificado pelos critérios de centração (conjunto de informações que convergem para um assunto proeminente) e de organicidade (relações de interdependência entre os assuntos, quer num plano hierárquico, quer num plano linear de ligações).

Com esse procedimento, podem-se avaliar quais tópicos se mantiveram e quais deixaram de (ou passaram a) ser abordados nos exemplares do gênero ao longo do tempo e ainda observar se, de alguma forma, essa mudança ou permanência de tópicos influiria na linguagem utilizada e na extensão dos textos, pois o assunto (tópico) ligado à intenção do produtor do texto (propósito comunicativo) e à situação em que o texto é produzido e veiculado (contexto enunciativo) impõe restrições ao uso da língua e à extensão desse uso.

Com a proposta da segunda instância – a da língua –, pretende-se dar conta de elementos lingüísticos que respondam pela articulação, priorizando categorias discursivas, como a (re)categorização, representada pelas anáforas recategorizadoras, entendidas tanto como encapsulamento, de que fala Conte (2003), quanto como rótulo, na concepção de Francis (2003).

Para Conte (2003), o encapsulamento anafórico é “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto” (p.178). Francis, por sua vez, define rótulo como “um elemento nominal inerentemente não-específico cujo significado no discurso necessita ser precisamente decifrado” (p.192).

Como a distinção entre encapsulamento e rótulo não é clara na literatura, optamos pela proposta de Cavalcante (2004a), que os contempla sob a denominação de anáforas recategorizadoras (diretas, indiretas ou fronteiriças), encapsuladoras (quando recuperam conteúdo proposicional) ou não (quando retomam referente). Sob esta denominação, incluem-se tanto as expressões referenciais que recategorizam um referente ou conteúdo precedente do discurso (as anafóricas, propriamente ditas), quanto as que (re)categorizam informações dadas no segmento textual subsequente (as catafóricas).

Elegemos essa categoria de análise por acreditar que, além de responder pelo processo de construção textual e condução argumentativa, as formas recategorizadoras podem estar ligadas à organização tópica do texto, categoria incluída na primeira instância dessa segunda dimensão da análise. Assim, como Cavalcante (2006, on-line), consideramos o fato de o conteúdo, o tópico discursivo, estar “intrinsecamente relacionado à referenciação”, pelas propriedades que o particularizam – centração e organicidade.

No terceiro e último plano dessa dimensão da análise – o da forma –, ainda para cobrir o todo que constitui a escrita de um texto, é relevante voltar a atenção para a sua configuração grafo-espacial. Reconhecendo, portanto, que a forma como um texto se apresenta age sobre os esquemas que o leitor aciona para (re)construir os seus sentidos e que essa mesma forma constitui e é constituída pelo tradição discursiva em que se apresenta, são focalizados elementos abrigados sob o rótulo “aspectos formais”, ou “paratexto”, na terminologia adotada

por Maingueneau (2001, p.81.), como diagramação, formato e tamanho da letra; presença de travessões, parênteses, destaques (itálico, por exemplo) e/ou de outro(s) texto(s) de apoio (charge, por exemplo); assim como extensão e localização no corpo do jornal.

Essa segunda dimensão da análise, bem como suas categorias analíticas, pode ser visualizada no gráfico seguinte.

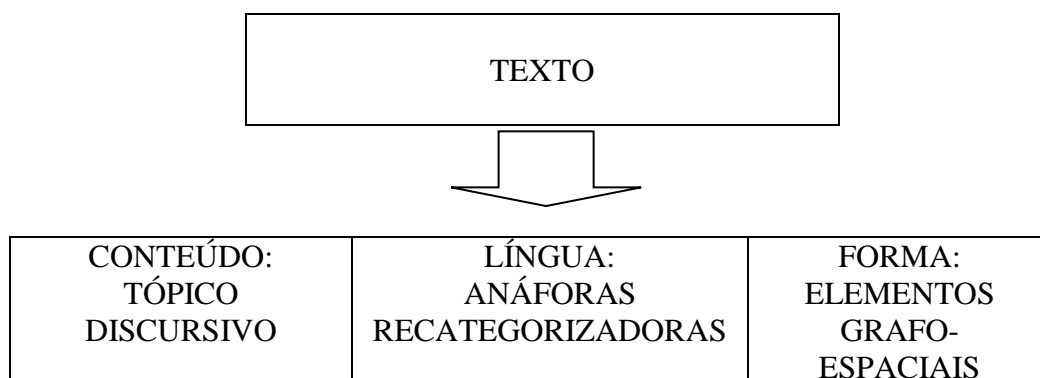


Gráfico 2: Texto – a segunda dimensão da análise

Assim, os resultados decorrentes da análise nas duas dimensões – a do contexto e a do texto –, podem permitir estabelecer comparações entre períodos (séculos) e entre gerações (fases em cada século), com o objetivo de descrever os traços de mudança e de permanência do gênero.

3 Um exercício de análise

A título de ilustração, passamos a demonstrar, de forma resumida, a análise de um texto do *corpus*, a carta do redator de um jornal da 2ª fase do século XIX, precisamente do ano de 1866.

Primeiramente, como parte da primeira dimensão da análise – o contexto, destacamos algumas informações pertinentes sobre o contexto histórico-social em que circulou o jornal, os interlocutores envolvidos, bem como o intuito discursivo. Em seguida, voltamos nosso olhar para a segunda dimensão da análise – o texto, focalizando nossa atenção nos planos do conteúdo e da língua.

O excerto em estudo foi extraído de *A Constituição*, jornal do Partido Conservador, fundado, em 1863, por Domingues José Nogueira Jaguaribe, com formação em Direito, que, na época, ocupava o cargo de deputado geral da província do Ceará, quando o Brasil vivia o então terceiro período do império de Dom Pedro II.

A Constituição circulou do ano de sua fundação a 1889, e seus redatores (diretores e colaboradores), representantes dos ideais do Partido Conservador adiantado, tinham o propósito de se opor às idéias pregadas pelo *Pedro II*, órgão também conservador, mas que apoiava o Imperador, em particular às idéias que diziam respeito à reforma eleitoral proposta à época, que asseguraria a representação conservadora, mas, no Ceará, favoreceria tão-somente os correligionários de *Pedro II*, “os coveiros da liberdade e do progresso”, como eram denominados esses adversários partidários pelos seus opositores na imprensa (FERNANDES, 2004).

Além das contendas partidárias, *A Constituição*, assim como outros periódicos cearenses do século XIX, também dedicava seus escritos a outras apreciações, quer políticas, econômicas ou de outra natureza, como se constatará no trecho a seguir.

Feitas essas considerações, passamos à segunda dimensão, para então identificarmos o tópico principal da carta do redator selecionada, bem como analisar-lhe as anáforas recategorizadoras.

[...] O homem é cosmopolita; todo globo | foi formado para sua habitação, e por | tanto quando mesmo nosso clima fosse | agro, si mais largas fossem as relações | commerciaes do Ceará com os Estados | Unidos e alli já fosse sabido que pos- | suimos os terrenos mais apropriados / do mundo para a cultura do café, da / canna, de assucar, do algodão e do / anil, que a natureza produz esponta- | neamente em nossos campos, não fal- | tariam emigrantes, que procurassem | nossa provincia de preferencia a outra | qualquer. || Estes attractivos seriam ainda mais | importantes, si apar destas informa- / ções, soubessem os emigrantes que | possuímos muitas serras, onde se gosa | de uma eterna primavera, em nada | inferior as doçuras dessa estação na | Europa, e que alem disso nos terrenos | planos, affastados das serras, si ha al- | gum calor, ha apar(sic) delle uma viração | constante, entretida pelas brisas do | mar, que modificam e refrigeram os ardores do sol com tanta vantagem, | que não ha exageração alguma em af- | firmar que nosso clima é mais doce do | que o das zonas temperadas no tempo | de calor. || Respondam por nós os que teem | viajado á aquellas zonas nos tempos | do calor se teem podido comparar o | abaffungamento, e falta de ar respirável | que por lá se experimenta nessas | estações com a ventilação sempre cons- / tante que existe nos logares mais / calidos de nossa provincia, e que mo- | difica consideravelmente a sensação | do calor, preenchendo a todas as con- | dições de livre respiração, que os | pulmões podem exigir. || A todas estas considerações accres- | cente-se que ha no Ceará (sic) muitas | fontes de industria lucrativa ainda não | exploradas, como a da mineralogia, e | ninguem poderá contestar que esta | provincia offereçe (sic) as maiores vanta- / gens para emigrantes activos e empre- / hendedores como são os norte ame- | ricanos. (A Constituição, edição de 11 de março de 1866)⁸

Com o intuito discursivo de propalar os “attractivos” da então província do Ceará, o enunciador interpela seu provável leitor a concordar com o fato de os emigrantes, sobretudo os “emprehendedores”, procurarem outros locais, por não serem devidamente informados sobre as serras cearenses, a agradável ventilação que arrefece o calor da cidade e a lucratividade com possíveis fontes de indústria. O tópico discursivo gira, pois, em torno dos atrativos, físicos e financeiros, do Ceará, que poderiam gerar fonte de renda para o estado.

Podemos observar que algumas das anáforas recategorizadoras destacadas no excerto servem para mostrar que a visão de mundo (e, portanto, as categorias utilizadas) do redator de então é distinta da que um editorialista de um jornal de grande circulação ousaria sustentar nos dias de hoje, como também para atestar o valor axiológico que tais expressões adquirem no co(n)texto, característica que procuramos investigar particularmente no gênero editorial.

O sintagma nominal “os terrenos mais apropriados do mundo... anil”, além de funcionar como uma expressão recategorizadora do termo “solo”, que foi introduzido anteriormente, também manifesta uma feição avaliativa por parte do produtor do texto. É o que ocorre também com as expressões “Estes attractivos”, logo em seguida, e “as maiores vantagens”, ao

⁸ Para estabelecer distinção entre as expressões destacadas, registramos em itálico as expressões recategorizadoras; e em itálico e sublinhado as recategorizadoras avaliativas. A barra simples indica mudança de linha; a barra dupla, mudança de parágrafo.

final do excerto. Essas três expressões recategorizadoras referem-se, de forma avaliativa, ao solo cearense. Nos sintagmas “Estes atractivos” e “as maiores vantagens”, a carga avaliativa recai sobre o núcleo do sintagma, respectivamente “atractivos” e “vantagens”, e não necessariamente sobre um adjetivo como no primeiro exemplo. Os sintagmas que não contam com adjetivo servem para mostrar que o valor axiológico de uma expressão recategorizadora quando recai sobre um nome encapsulador pode também funcionar como recurso sutilmente poderoso de manipular o leitor (CONTE, 2003).

Já à expressão “(d)estas informações”, embora sumarie a informação que vai de “possuímos os terrenos mais apropriados” a “em nossos campos”, não é atribuída carga explicitamente avaliativa; seu núcleo incide sobre um nome geral, um termo superordenado – “informações” –, que se caracteriza por possuir a capacidade de encapsular conteúdos do discurso. Mesmo assim, pode-se reconhecer a função argumentativa, portanto não neutra, que cumpre ao requerer do leitor a sua atenção na localização do conteúdo proposicional que a expressão recupera, marcada pelo emprego do demonstrativo (CAVALCANTE, 2004b). É o que acontece também com a expressão recategorizadora “todas essas considerações”, que recupera o mesmo conteúdo proposicional acrescido das informações subseqüentes.

Por sua vez, todo o trecho “a ventilação sempre constante que existe nos logares mais cálidos de nossa província” recategoriza “uma viração constante” introduzida anteriormente no texto e é também recoberta de carga avaliativa, assim como a expressão “emigrantes activos e empregadores” que rotula, prospectivamente, o referente “os norte americanos”. Nestes casos, é sobre os adjetivos, funcionando como modificadores que recai a carga avaliativa da expressão referencial e que, por terem seu sentido construído e reafirmado ao longo do texto, agem como um “poderoso meio de manipulação do leitor” (CONTE, 2003, p.186)⁹.

Como foi visto, as expressões referenciais têm a função, entre outras, de indicar o ponto de vista do enunciador, recategorizando os referentes, os objetos-de-discurso. Percebemos pontualmente pelo emprego dessas expressões, sobretudo as que manifestam função avaliativa, que o enunciador do texto focalizado defende uma tese, no mínimo, questionável nos dias de hoje: a necessidade de atrair “emigrantes activos e empregadores como são os norte americanos” para explorar em nosso estado setores como a mineralogia, por exemplo.

Ainda na segunda dimensão da análise, no que se refere aos aspectos grafo-espaciais, os editoriais daquele período da história da imprensa jornalística (2ª metade do século XIX) não gozavam de um *locus* próprio, assegurado e reconhecido pelos leitores, como nos dias atuais, em que costumam figurar na segunda página do jornal. Em algumas edições, de um mesmo jornal, podiam figurar na primeira, segunda, terceira ou quarta página, ou ainda podiam ter seu início em uma página e sua conclusão na página seguinte e até na edição posterior.

O editorial em análise tem por título “A Constituição”, mesmo título do jornal e mesmo título da seção em que se insere, e por subtítulo “Aluda a emigração”, ambos centralizados e grafados em negrito e caixa alta. Apresentado em 4 colunas, ocupa a metade superior da primeira página, pois a metade inferior é destinada ao conselheiro José de Alencar, escritor cearense, para a publicação de seu folhetim *Iracema*.¹⁰

⁹ Diferentemente de Conte e Cavalcante, não atribuímos a carga avaliativa à palavra ou expressão em si, mas ao sentido que lhe é conferido no contexto em que está sendo empregada. Nesse sentido, como bem pontua Zavam (2007), não acreditamos que existam, *a priori* (como fato dado na realidade), “nomes axiológicos”, como os denomina Conte, mas sim nomes que, no enunciado em que estão sendo empregados, assumem valor axiológico.

¹⁰ Destinado ao entretenimento e oferecido inicialmente como chamariz aos leitores, o folhetim ocupava, numa época em que a ficção estava em alta, geralmente a metade inferior da primeira página do jornal, espaço onde se podia treinar a narrativa, onde se aceitavam “mestres noviços do gênero” (MEYER, 1996, p.58).

Como se vê, a localização de um editorial tal como a reconhecemos hoje assim como os outros aspectos analisados revelam a adaptabilidade de uma tradição discursiva a demandas que surgem em função de novas configurações histórico-sociais que se firmam ao longo das necessidades de uma esfera da comunicação, no caso a jornalística, em constante processo evolucionário.

4 À guisa de conclusão

Procuramos, neste artigo, definir um caminho teórico-metodológico para a análise diacrônica das tradições discursivas. Para exemplificar a aplicação da proposta lançada, examinamos um exemplar de carta de redator datada do período oitocentista da história brasileira.

A análise nos permite algumas constatações, ainda que embrionárias. Se pretendemos investigar determinada TD, precisamos, necessariamente, considerar aspectos que vão além da materialidade lingüística. São esses aspectos que podem ajudar a compreender o fenômeno que estamos estudando, sobretudo porque somos tentados a analisá-lo com as lentes do nosso século. Precisamos ainda focar nossa atenção na trajetória dessa TD no curso das práticas discursivas de determinada comunidade. Isto quer dizer que, para chegarmos a uma compreensão satisfatória de determinado gênero textual, mesmo numa perspectiva sincrônica, não podemos deixar de voltar nosso olhar para o percurso histórico do gênero, senão desde o seu surgimento, pelo menos para épocas que nos dão pistas sobre os processos de transformação pelos quais passou até chegar à forma como o concebemos hoje.

Por isso nossa proposta de análise diacrônica está voltada não apenas para fenômenos da superfície textual, da estrutura da língua, mas também para outros aspectos discursivo-pragmáticos. E é justamente o conceito de TD que permite ultrapassar o conceito de gênero e verificar variações (outras tradições) no interior de um mesmo gênero, por exemplo, modos de dizer encontrados no editorial de jornal, que não são observados no editorial de revista, e perceber a variação observada como uma espécie de “espelho sincrônico” da “evolução diacrônica” (KABATEK, 2004, p.15).

Entendemos também que a concepção de tradição discursiva pode ser aplicada ao estudo diacrônico de qualquer gênero textual e às TD que pode abrigar. Reconhecidamente, o conceito de TD empresta uma contribuição relevante a investigações dessa natureza, pelo fato de possibilitar a compreensão de fenômenos de permanência e mudança ao longo da história de um gênero textual, num determinado contexto de uso.

Referências

- ASCHEBERG, H. (2002). Historische Textsortenlinguistik. Beobachtungen und Gedanken. In: DRESCHER, Martina. *Textsorten im romanischen Sprachvergleich*. Tübingen: Stauffenburg Verlag. S.153-170.
- ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. (2001). Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, v.22, n.2, p. 195-212.
- BAKHTIN, M. (2000). *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BAZERMAN, C. *Shaping written knowledge: the genre and activity of the experimental article in science*. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.
- BIASI-RODRIGUES, B. (2007) O papel do propósito comunicativo: diferentes versões. *ANAIS do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Tubarão – SC: UNISUL, p.729-742.

- BROWN, G.; YULE, G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CAVALCANTE, M.M. (2004a). Expressões referenciais – uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: PROTEXTO/UFC. [CD-ROM].
- _____. (2004b). Demonstrativos – uma condição de saliência. In: CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: PROTEXTO/UFC. [CD-ROM].
- _____. (2006). *Anáforas encapsuladoras – traços peculiares aos rótulos*. Disponível em: <http://www.gltac.com/FD16_2006_M%F4nica.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2006.
- CONTE, M-E. (2003). Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p.177-190. (Coleção Clássicos da Lingüística).
- COSERIU, E. (1979) *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença-USP.
- GUIMARÃES, Dorot M. *Um estudo da organização textual de editoriais de jornais paulistanos*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.
- FERNANDES, A. C. S. (2004). *A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará (UFC).
- FRANCIS, G. (2003). Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p.191-228. (Coleção Clássicos da Lingüística).
- GOMES, V. S. *Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- JUBRAN, C. et al. (1992). Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*, v. II. Campinas: UNICAMP-FAPESP.
- KABATEK, J. (2001). Cómo investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: D. Jacob; J. Kabatek (eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica*. Frankfurt am Main: Vervuet/Madrid: Iberoamericana, p.97-132.
- _____. (2003) *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico*. Texto inédito apresentado ao Seminario de Historia de la Lengua Española: nuevas perspectivas. Soria, Espanha, 7-11 jul. 2003. Disponível em: <www.kabatek.de/discurso> Acesso em: 23 set. 2004.
- _____. (2004). *Tradições discursivas e mudança lingüística*. Texto apresentado no VI Seminário PHPB. Itaparica, Bahia, 29 ago.-2 set. 2004. Disponível em: <www.kabatek.de/discurso>. Acesso em: 31 maio 2005.
- _____. (on-line) *Sobre a historicidade dos textos*. Disponível em: <www.kabatek.de/discurso>. Acesso em: 20 mar. 2008.
- KOCH, I. G. V. (2003). *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes: Ed. da Universidade Estadual de Campinas.
- _____. (2001). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- NASCIMENTO, Karina R. de S. *A macroestrutura argumentativa de editoriais do Jornal do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

- REBELO, Neiva M. S. *Análise do processo persuasivo no gênero editorial*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.
- SOUSA, Socorro Cláudia T. *Estudo da organização textual argumentativa em editoriais de jornais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.
- SWALES, J. M. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- YATES, J.; ORLIKOWSKI, W. J. Genres of organizational communications: a structural approach to studying communication and media. *Academy of Management Science Review*. 17(2): 299-326, 1992.
- ZAVAM, A. (2007). São axiológicas as anáforas encapsuladoras?. In: CAVALCANTE, M. et. al. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referência e outros domínios discursivos*. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 2, p. 123-143.

Referência deste artigo:

ZAVAM, Aurea S. Da carta do redator ao editorial: o percurso de uma tradição discursiva. In: **XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**. Montevideú: ALFAL, 2008, v.1, CD-ROM. ISBN: 978-9974-8002-6-7.